

Topologia do ser e o lugar no pensamento geográfico: ontologia fenomenológica, facticidade e existência

Gilvan Charles Cerqueira de Araújo¹

RESUMO

O lugar é um dos principais conceitos do pensamento geográfico, analiticamente aplicado como categoria de análise em diferentes perspectivas, estudo e experiências teóricas, epistemológicas e metodológicas da Geografia. Neste artigo há a proposição de, a partir de autores clássicos e contemporâneos da ciência geográfica, promover uma reflexão do lugar como epicentro epistemológico para uma topologia do ser, compreendida como a expressão dos sentidos da existência na facticidade de seu mundo e vivências. A partir de dialogias interdisciplinares entre Geografia, Literatura e Fenomenologia foi possível angariar caminhos, estabelecer conexões e, o mais importante, apresentar perspectivas para uma topologia do ser a partir do lugar e seu papel central no pensamento geográfico.

Palavras-chave: Pensamento Geográfico; Lugar, Topologia do Ser; Facticidade; Ontologia

Being's topology and the place in the geographic knowledge: phenomenological ontology, facticity and existence

ABSTRACT

Place is one of the main concepts of geographical knowledge, analytically applied as a category of analysis in different perspectives, studies and theoretical, epistemological and methodological experiences of Geography. This paper proposes, based on classical and contemporary authors of geographic science, to promote a reflection of the place as an epistemological source for a topology of being, understood as the expression of the meanings of existence in the facticity of its world and experiences. From interdisciplinary dialogues between Geography, Literature and Phenomenology, it was possible to find ways, establish connections and, most importantly, present perspectives for a topology of being based on place and its central role in geographical knowledge.

Keywords: Geographical knowledge; Place, Topology of Being; Facticity; Ontology

Introdução

O lugar é um dos conceitos-chave do pensamento geográfico, tendo uma importância e tradição que o colocam como protagonista teórica e metodologicamente no âmbito da Geografia. Em linhas gerais podemos pensar o lugar a partir de algumas diretrizes definidoras de seu sentido epistêmico para a ciência geográfica, tais diretrizes são encontradas nos diferentes estudos e áreas de exploração das pesquisas envolvendo o espaço geográfico.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Campus de Rio Claro/SP, Mestre em Geografia pela Universidade de Brasília, Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, UNESP-Campus de Rio Claro/SP, Pós-Doutorado em Geografia pela FFLCH-USP. Professor e Pesquisador Permanente do Programa Stricto Sensu de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica de Brasília, Membro do corpo docente do Prolam/USP, professor de Geografia na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. E-mail: gcca99@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4238-0139>

As reflexões apresentadas possuem como objetivo realizar a ponte entre as diretrizes da proposta topoanalítica deste trabalho, ou seja, há tanto a inclinação à ontologia fenomenológica como, também, a arte literária como a forma pela qual a linguagem permite que haja a relação onto-ontológica em diferentes perspectivas topoanalíticas.

Nos dois momentos trabalhados no artigo será possível destacar a correlação entre ontologia fenomenológica e o lugar, a partir do protagonismo epistemológico do segundo no pensamento geográfico. As aproximações, dialogias e entre *topo-grafias* e *topo-logias* da existência na espacialidade, como topologias do ser em situação são possíveis e passíveis de realização em uma gama considerável de variações, escalas, pontes interdisciplinares, referenciais artísticos ou literários dentre outras aberturas encontradas nas expressões das nuances do existir na espacialidade.

O lugar e sua topologia

Antes de se realizar o exercício de dialogia epistemológica e metodológica do lugar com a fenomenologia será importante que façamos um breve percurso sobre a ideia de lugar. Há uma correlação muito próxima entre os postulados fenomenológicos com dimensões geográficas da realidade objetiva, do recorte situacional, o mundo vivido, a singularidade do existir e os sentidos passíveis de serem analisados a partir da aplicação metodológica da fenomenologia na predicação da facticidade pelo ser humano em seu devir existencial.

A topologia do ser pode ser compreendida como a expressão fática dos estares do ser em seu habitar o mundo. Autores como Malpas (2008; 2012; 2018) Pádua (2005), Rocha (2020) e Marandola Júnior (2012; 2020) trabalham com diferentes perspectivas desta imersão epistemológica entre fenomenologia e a espacialidade a partir dos fundamentos da ontologia heideggeriana. De acordo com Pádua (2005), este ponto de partida da *situação* da existência como as *grafias* do existir em seu diferencial ôntico-ontológico possui alguns aspectos específicos:

A abordagem heideggeriana das questões relativas a espaço e lugar começa a tomar forma a partir da noção de espacialidade fática (*faktischen Räumlichkeit*) – delineada nos capítulos terceiro e quarto da segunda parte de *Ontologie* –, que se apresenta com nitidez quando o autor se propõe investigar de que maneira, a partir de determinadas situações concretas, inseridas numa cotidianidade imediata, se nos apresenta fenomenologicamente o mundo. O conceito de mundo, que será amplamente desenvolvido em *Ser e Tempo*, já recebe seus traços essenciais neste período, onde se pode antever o papel central que desempenhará a partir daí. A importância e a complexidade deste conceito deve-se principalmente ao fato da unidade indissolúvel entre mundo e *Dasein*. Este

termo, aliás, designa tanto o “ser” do mundo quanto a vida humana³⁵ e Heidegger explicita, numa antecipação da expressão “ser-no-mundo” (In-der-Welt-sein), a unidade entre mundo e vida humana na palavra existência. Esta unidade aponta para a inevitável identificação entre a espacialidade do mundo e a do Dasein: o que se designa como espacialidade fática vem a ser precisamente a forma de compreensão e interpretação do entorno que toma por referência o ocupar-se, o mover-se e o habitar do Dasein no mundo. (PÁDUA, 2005, p. 38).

Ressalta-se, portanto, o papel central da dimensão fática do existir, como o ser em situação no mundo, possui o protagonismo desta compreensão do papel atribuído à espacialidade a partir da ontologia fenomenológica heideggeriana. O primeiro ponto que deve ser destacado sobre o lugar é seu papel de referência para a relação escalar em Geografia. Em outros termos, é a partir da ideia de lugar que estabelece-se parâmetros de comparabilidade entre o micro e macro escalar, sendo o primeiro caso mais referenciado inserido na significação de lugar. Em continuidade a mesma linha de raciocínio de destaque para a relação escalar está a maneira pela qual o lugar possui um avanço epistêmico ao local, ou seja, localizar um ponto no espaço geográfico é o passo anterior, quase *a priori* para que possa chegar ao lugar.

Tendo o local definido em uma espacialidade, parte-se para sua configuração teórica, epistemológica, empírica e experiencial de lugar, quando há na ideia e sentido de lugar a relação entre identidade diferença (CASEY, 1997; TUAN, 1976; 1980; 1983; RELPH 1976; 2012; BUTTIMER, 1969; 1974; 1985a; 1985b; MALPAS, 2008; 2012; 2018; MARANDOLA, 2011; 2012a; 2012b; 2020; HOLZER, 2012). Estes diferentes pensadores, especialmente geógrafos, perscrutam os confins da existência em relação a expressão dos seus sentidos na espacialidade. Na escala singular, mínima, do cotidiano e facticidade, o lugar emana com a maior força epistemológica e analítica das nuances do devir existencial, em múltiplas topo-grafias, como diria Íñiguez (1987), em relação a cada aspecto dos saberes, fazeres e experiências que perpassam a singularização do lugar:

Tratándose de una topografía , será preciso enmarcar y contrastar claramente los territorios entre los que se desplaza este ciclo breve de lo rutinario (o habitual). Ahora bien, el retorno a lo mismo queda topográficamente individualizado por el punto en el que se cumple el regreso del ciclo habitual: la habitación. Hábito, habitación. Para denotar con mayor énfasis tal carácter circular y reiterativo del proceso, preferimos emplear para este extremo el término de 'domicilio', extraído de las especulaciones astrológicas, con lo que tratamos de evitar el paso cualquier con notación afectiva y valórica. (ÍÑIGUEZ, 1987, p. 45).

Não será necessário, nesse momento, que façamos o percurso, deveras tortuoso e complexo, de presença da ideia de lugar nas diferentes correntes do pensamento geográfico, justamente pelo foco de nossa reflexão estar direcionado à fenomenologia. No entanto, é

importante o registro sobre como do recorte do local na espacialidade, provindo de todo um arranjo de pensamento geográfico voltado para organização do espaço influenciou o que viria a ser uma considerável quantidade de escritos e reflexões da visão crítica geográfica sobre o lugar, já tendo elemento da identidade incorporadas a sua tradição marxista e materialista histórico e dialética.

É neste contexto que o lugar avança por entre tendências e visões do pensamento geográfico, possuindo um desenvolvimento epistemológico que vai ao encontro, de forma cada vez mais profunda, para sua constituição e complexidade como possibilidade de operacionalização metodológica de análise entre o identitário e o diferencial no espaço geográfico.

A herança da Geografia Francesa é que dará o substrato e pilares do que hoje encontramos como principais referências para a ideia de lugar como conceito-chave do pensamento geográfico (CLAVAL 2001; GOMES, 1997). Originalmente, os estudos regionais franceses possuíam a região como aporte epistemológico para suas proposições de estudos das características naturais e culturais dos gêneros de vida, ou, como chamaria Paul Vidal de La Blache (1896; 1903; 1914; 1917; 1921) as *personalités géographiques* das regiões e, também, paisagens da França.

Este diferencial do olhar geográfico para as regiões e paisagens, juntamente com uma escrita e análise mais próximas de uma dissertação literária será trabalhado por Monteiro (2002), Alves (2020), Chaveiro (2014) e Collott (2013) como um dos “esquecimentos” da relação íntima do saber e fazer geografia com as tessituras identitárias da espacialidade:

A Geografia, embora auferindo indiscutíveis ganhos com as preocupações teóricas e sobretudo quantitativas, descuidou-se muito da “descrição”, empobrecida e quase abandonada nas abordagens regionais. Aquele sabor lablacheano da personalidade dos lugares e regiões foi dado como obsolescências a abandonar. A atual preocupação com um conhecimento mais conjuntivo, uma pregação das virtudes do “holismo” e a proposta de uma Nova Geografia Huamística, poderá promover um benéfico contato com a Literatura. (MONTEIRO, 2002, p. 234).

A partir do que é colocado por Monteiro é possível que façamos a ponte de virada entre a região e paisagem para a posição de central do lugar na Geografia, especialmente a partir da segunda metade do século XX, a partir das heranças de estudos regionais franceses lablachianos. Autores como Marandola Júnior (2011; 2020), Serpa (2013) e Silva (2000) concordam que houve uma *passagem de bastão* da região e paisagem para o lugar, especificamente a partir da publicação da obra de Eric Dardel *L'homme et la terre: Nature de la réalité géographique*, publicado em 1952. A partir da publicação desta obra inicia-se um ponto de virada nos estudos

geográficos sobre identidade, cultura, práticas e saberes e aspectos simbólicos e abstratos da relação homem-meio, tão cara para a história do pensamento geográfico.

Em outras palavras, o lugar, como ideia, é preenchido por uma espessura epistemológica que o complexifica filosófica e analiticamente, principalmente pela inserção de elementos, postulados e proposições teóricas do método fenomenológico dos filósofos Edmund Husserl e Martin Heidegger. Para Marandola (2011, p. XIII): “O pioneirismo quase visionário de Dardel ainda não foi superado em uma tão bem composta reflexão da natureza da relação da Geografia com a Fenomenologia, fundando, em última análise, uma outra forma de se entender a ciência geográfica” E ainda complementa o geógrafo brasileiro, a respeito de Dardel que: “Esta é uma Geografia pensada de forma essencial, que busca sua compreensão não pelo caminho da ciência clássica, mas por uma ciência compreensiva e filosófica, que desvia da *geometria* em busca da *geografia*.” (MARANDOLA, 2011, p. XIII).

Nas palavras do próprio Eric Dardel, a respeito da inserção de uma nova maneira de se observar, analisar e também contemplar a essência do espaço geográfico se daria pela presença, uma das versões da tradução do *dasein* heideggeriano: “Presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta.” (DARDEL, 2011, p. 3). E, novamente, observa-se a menção a ligação direta e íntima entre a expressão literária, o substrato filosófico e fenomenológico e o arcabouço teórico da Geografia, para que seja possível aferir as intencionalidades do sentido de ser do ser humano em seu ser-aí, por meio de uma: “Linguagem direta, transparente, que “fala” sem dificuldade à imaginação, bem melhor, sem dúvida, que o discurso “objetivo” do erudito, porque ela transcreve fielmente o “texto” traçado o solo.” (DARDEL, 2011, p. 3).

A textualidade da existência incrusta-se então entre a sua condição do *grafar-se* e ser o *logos* da habitação do mundo, ou seja, compreendo, ao mesmo tempo a topografia e topologia do ser, a partir do ente humano, tão forte e continuamente trabalhado por Heidegger em seu *Dasein*, ou seja, o ser posicional (Da-aí/sein-ser), situado no mundo. O *texto* traçado no solo, mencionado por Dardel (2011), vai ao encontro das considerações de Malpas (2008) sobre a maneira como a *textualidade* da existência corresponde aos traços, nuances, acontecimentos, singularizações e significações do habitar. Topologicamente, o traçado mencionado por Dardel (2011) é a própria *grafia* das diferentes formas da existência no mundo:

Topology is the attempt to articulate place, not by means of any derivation from an underlying principle or ground, but rather in terms of its own differentiated and yet unitary character. The idea of the Event is topological in just this sense,

operating against any attempt at grounding the original happening of place that is the focus here in anything more basic, more primordial, more originary. It is at this point, of course, that the idea of the Event both as happening and as gathering/belonging is crucial. Just as place does not gather separate elements “in” place, but is itself the gathering of those elements (elements which are themselves brought to light only in the gathering), so neither is the Event itself something that stands apart from the gathering of the elements that are themselves brought to self-evidence through it. (MALPAS, 2008, p. 222)

Outro aspecto interessante a ser colocado é que, quando o geógrafo francês referencia de forma direta o *texto* no espaço há uma ligação direta com a tradição francesa lablachiana que foi uma das bases da ideia do lugar fenomenológico de Dardel, que chamaria, por sua vez, essa diferenciação e identidade do lugar geograficidade em situação, ou seja, no existir da singularidade existencial no espaço habitado pelo ser humano, em qualquer recorte espacial: “A “situação” de um homem supõe um “espaço” onde ele “se move”; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência.” (DARDEL, 2011, p. 14). A localização cede seu posto de recorte escalar para o lugar, como algo mais profundo, permeado de sentidos, líricas de expressão artística e inúmeras intencionalidades simbólicas, culturais, memoriais, históricas e de diferenciação de seus traços onto-ontológicos: “Perder a localização”, é se ver desprovido de seu “lugar”, rebaixado de sua posição “eminente”, de suas “relações”, se encontrar, sem direções, reduzido à impotência e à imobilidade.” (DARDEL, 2011, p. 14).

Os impactos desta nova concepção de lugar foram múltiplos e de grande intensidade seja em questões teóricas, epistemológicas, metodológicas e educacionais (pensando-se no ensino de Geografia, da educação básica ao ensino universitário), mesmo que, muitas vezes, observável de forma indireta e ainda incipiente em muitas pesquisas. O imaginário é inserido nessa tomada de posição topológica da Geografia frente à fenomenologia e também o existencialismo, como problematização ontológica da cultura enquanto *grafia* do ser humano na espacialidade: “Igualmente imaginário é o fato de que, nas relações indicadas por habitar, construir, cultivar, circular a Terra é experimentada como base. Não somente ponto de apoio espacial e suporte material, mas condição de toda “posição” da existência, de toda ação de assentar e de se estabelecer (de poser et de reposer).” (DARDEL, 2011, p. 40).

O lugar passa a ser o epicentro da posição da existência, e de toda conceituação e aplicação da proposta de análise geográfica de Dardel, que também possui uma influência direta da base fenomenológica de Husserl, quando a experiência com o meio, como possibilidade de ser chegar a uma essencialização do mundo e natureza, de forma intencional e única por nossa

consciência e percepção: “O universo dos objetos que nos são dados pura e simplesmente como imediatamente experienciáveis (imediatamente legitimáveis na percepção original), e que devem ser dados é a natureza.” (HUSSERL, 2008, p. 30 – grifos do autor). O passo além da cultura à ontologia do que é representado como signo, símbolo ou referencial da cultura é um dos principais desafios da Geografia em relação à fenomenologia, como destacado por Besse (2006), quando, a respeito dessa movimentação epistemológica, diz que:

Seria um engano, no entanto, reduzir – como se fez frequentemente no interior da corrente contemporânea da geografia batizada de “humanista” – esse “espaço” do qual a geografia deve tratar a um dado simplesmente subjetivo ou antropológico, ou seja, a uma dimensão relativa ao ponto de vista da representação humana, seja ela individual ou coletiva. O ponto de vista fenomenológico e hermenêutico de Dardel o conduz para além deste humanismo. (BESSE, 2006, p. 87)

É justamente sobre o ponto de vista fenomenológico da espacialidade e a ontologia do espaço como um todo que Goto (2013), pelo fato de no mundo-da-vida haver a cultura como geograficidades, e ser possível, então, ir a um patamar mais profundo de problematização de desvelamento do ser por tais representações dos saberes e fazeres individuais e coletivos da sociedade: “O mundo-da-vida é o lugar em que se origina a experiência pré-científica, ou seja, a experiência não-teórica, mais originária, evidente e universal que implica a experiência mesma da subjetividade.” (GOTO, 2013, p. 41). E ainda completa o autor que: “Na concepção de Husserl (2012) o mundo-da-vida é o lugar onde se dão as experiências absolutas, as experiências puras, originárias, antipredicativas, pré-linguísticas e pré-conceituais.” (GOTO, 2013, p. 41).

Da mesma maneira, Goto (2013) também considera a busca por um saber fundamental das vivências como ponto de chegada à ontologia das vivências, das *grafias* da existência no mundo, o mundo-da-vida husserliano: “Nesse sentido, podemos afirmar que o mundo-da-vida apresentar-se-á de modo imediato nas vivências, sendo aí o princípio apodítico capaz de fundamentar o saber fundamental, tanto da filosofia, quanto das ciências em geral.” (GOTO, 2013, p. 42). O mundo da vida configura-se como a dimensão individual e coletiva nas quais a diferença ontológica como identidade e cultura se tornam possíveis de percepção, sentimento, intelecção e interação intencional: “[...] o mundo de onde se nasce e morre; se herda uma tradição cultural; se comunica uma linguagem (língua) e se convivi com os outros. O mundo-da-vida é configurado historicamente por um passado e um presente, transmitidos por tradições e expressados pela linguagem.” (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 249). Cada detalhe desse mundo que é vivido em cada instante e lugar é uma singularização da existência em seu devir: “É o mundo de nossa

cotidianidade, cujo horizonte nos enquadramos para nos orientarmos e, por sua vez, tecemos as relações sociais nas quais nos relacionamos uns com os outros.” (GÓMEZ-HERAS, 1989, p. 249).

A Geografia precisou se reinventar, e ir além em seus referenciais e escopo teórico e metodológico no contato com a fenomenologia. A linguagem, a palavra e a expressão do ser pela arte, especialmente a literatura, tornaram-se aliados na busca pelas nuances do des-velar-se ontológico do Ser pelos entes da facticidade, agora alocada no centro dos questionamentos geográficos a partir, por exemplo, das novas conceituações do lugar, da geograficidade e do ser-aí no pensamento geográfico.

O mundo da vida husserliano, o ser-aí de Heidegger e a geograficidade de Dardel dialogam entre si, de forma inerente no erigir de uma ontologia do espaço geográfico, também chamada Pádua (2005) e Martins (2007) de uma topologia do ser: “Um lugar é algo que ocorre tanto “no espaço” quanto “no tempo”. O espaço da geometria pura, por exemplo, que não interessa a Heidegger, é um espaço que, pode-se dizer, é destituído de temporalidade. Não haveria, para Heidegger, um “espaço” objetivamente apreensível de forma isolada das circunstâncias da vida fática do Dasein.” (PÁDUA, 2005, p. 124). E a autora continua sua argumentação sobre o lugar a topologia ser, como definição da singularidade ontológica da espacialidade da seguinte maneira:

Um segundo aspecto do conceito de lugar apontado pelo autor é o possuir limites, este último associado à idéia de definição, compreendida não apenas num sentido espacial, mas principalmente como a definição de uma identidade: um lugar é sempre um onde particular, delimitado, com uma identidade própria construída ao longo de um tempo. Esta identidade é partilhada, muito estreitamente, com os entes que nele se encontram, e isto de um modo que ainda espera, no contexto desta tese, por um esclarecimento mais profundo. (PÁDUA, 2005, p. 125).

O abrir-se ao mundo pelo próprio mundo como estares do ser, o ser-em é a vida em ocorrência de vivência, o *dasein* em seu acontecer (in)finitamente pela facticidade, temporal e espacialmente: “O espaço assim aberto com a mundaneidade do mundo ainda não tem nada a ver com o puro conjunto das três dimensões. Neste abrir-se mais imediato, o espaço enquanto puro continente de uma ordem métrica de posições de uma determinação métrica de postos ainda permanece velado.” (HEIDEGGER, 2008, p. 165). Como mencionado por Silveira (2006) é mundo existencial superando a configuração geo-métrica, ou seja, o emanado do ser como estar, ser-em-no-mundo é o que poderíamos considerar como o passo além mencionado por Besse (2006) e que também é posto por Malpas (2012; 2018).

A existência entre o lugar e a facticidade cotidiana

Como espacialidade o *dasein* é o próprio sujeito, como estar do ser-no-mundo, a intencionalidade que é efetuada pela consciência, corpo, pensamento e experiência da existência em direção ao existente, ou seja, da abertura do Ser pelo ente que é o ser-aí ao mundo agora na facticidade do espaço: “O espaço nem está no sujeito nem o mundo está no espaço. Ao contrário, o espaço está no mundo à medida que o ser-no-mundo constitutivo da presença já sempre descobriu um espaço.” (HEIDEGGER, 2008, p. 166 – grifos do autor). Espaço e sujeito formam uma unicidade não diferenciada com uma apriorística do des-velamento do Ser nos entes: “O espaço não encontra no sujeito nem o sujeito considera o mundo “como se” estivesse num espaço. É o “sujeito”, entendido ontologicamente, a presença, que é espacial, o espaço se apresenta como a priori.” (HEIDEGGER, 2008, p. 166 – grifos do autor). Por esta razão o empreendimento fenomenológico da Geografia alcança pelo lugar o patamar de inquirição sobre a ontologia do espaço, ou a topologia do ser. Silva (2000) e Moraes (2014), no sentido de que, para tal percurso epistemológico pela ontologia fenomenológica:

[...] pensar o espaço defronta-se com a espacialidade, da qual tudo o que se disse é aparência. Mas, a espacialidade não é apenas dos objetos. Há o espaço do corpo e seus prolongamentos. Há também o espaço da mente. Como o tempo e o movimento, o espaço é fundante do existir, e, portanto, do pensar. Sendo assim, ele é algo físico, uma ‘coisa’, e é algo social, algo criado pelo trabalho. O primeiro, precede a existência humana; o segundo, nasce da valorização do natural como fonte de vida. Mas, essa constatação é resultado, desde logo, do pensar o espaço. Pensá-lo como dado e pensá-lo como artefato que a mente projeta. (SILVA, 2000, p. 18 – grifos do autor).

A topologia do Ser ocorre como epistemologia e metodologia no sentido do que é posto por Silva (2000), a existência humana expressa na espacialidade como protagonismo de estar do ser-no-mundo. O lugar geograficamente compreendido nestas diretrizes da ontologia fenomenológica será constituído pelo ser-no-espaço, des-velando-se na facticidade do mundo:

Ao atribuímos espacialidade à presença, temos evidentemente de conceber este “ser-no-espaço” a partir de seu modo de ser. Em sua essência, a espacialidade da presença não é um ser simplesmente dado e por isso não pode significar ocorrer em alguma posição do “espaço cósmico” e nem estar à mão em um lugar. Ambos são modos de ser de entes que vêm ao encontro dentro do mundo. A presença, no entanto, está e é “no” mundo, no sentido de lidar familiarmente na ocupação com os entes que vêm ao encontro dentro do mundo. Por isso, se, de algum modo, a espacialidade lhe convém, isto só é possível com base nesse ser-em. (HEIDEGGER, 2008, p. 158 – grifos do autor).

Pádua (2005) um profundo estudo de dissecação da espacialidade na obra de Heidegger, especialmente no sentido de que mesmo o filósofo alemão ter concedido muito de sua reflexão para o papel da (in)finitude do tempo do *dasein* como abertura ao Tempo do Ser, é no espaço que tal abertura tanto se torna possível como apreensível, no sentido da reflexão fenomenológica sobre a onto-ontologia da existência: “*Dasein* significa, portanto, o existir em cada caso particular, no *aí*, no ‘estar sendo’ de cada um.” (PÁDUA, 2005, p. 10). E Ainda completa a autora que: “Assim, o existir fático determina um modo de compreensão da existência que já se dá no interior e a partir de si mesma, de tal forma que esta nunca pode ser contemplada ‘de fora’, como um objeto perante um sujeito. Somente o *Dasein* – efetivo e em cada caso – compreende sua existência (*Existenz*)”. (PÁDUA, 2005, p. 10 – grifos da autora). Sobre esta mesma abertura do *Dasein*, em relação ao mundo ao redor, habitado, transformado, significado e incorporado à própria existência, Malpas (2008) apresenta os seguintes argumentos:

Truth as correctness thus seems to presuppose a more fundamental mode of openness that pervades the entire realm in which statement, “object,” and human beings are situated in relation to one another. This openness is what is already at issue in Being and Time in the original phenomenon of disclosedness, and so is approached through the ideas of “meaning,” projection, and understanding, but which, in being approached this way, is thereby understood in terms of the primacy of unconcealment over concealment. Yet the thinking of truth in terms of the open, in terms of unhiddenness or unconcealment, is not a matter of viewing truth in terms of some open space that stands “between”—a “clearing” that merely stands “cleared.” The openness at issue is always an openness of engagement or involvement. Yet this means that openness itself is always to be construed in terms of the happening of such openness and so in terms of the coming of unconcealment out of concealment. Perhaps the simplest way to see this is by considering the way in which the opening up of a region occurs only through movement within that region. A space may thus be “open,” and yet if there is no movement within it, nothing will emerge as standing within that space. (MALPAS, 2008, p. 195-196).

O espaço, nestas posições dos autores, é a condição fática da abertura do ente humano, o *Dasein* (Existência), para sua condição especial, complexa e múltipla de (in)finitude de sentidos de seu próprio ser-no-mundo. É comum, portanto, o lugar assumir a condição privilegiada da expressão do cotidiano, da escala singular da existência em seu devir ôntico-ontológico, como experiências do ser-aí em seus múltiplos ser-em como ser-no-mundo, topologias do ser em seus estares e aconteceres (MALPAS, 2018; ARAUJO, 2020; 2021). Este cotidiano, inquietante em suas nuances pode ser percebido em considerações seminais de Silva (1997; 1999), quando diz que:

O que é o cotidiano?

Voltemos às palavras iniciais: “não sou feliz, estou feliz”.

Não se trata do dilema posto por Shakespeare.

Como “ser feliz” no “presente perpétuo” de Jameson?

O vir-a ser de Habermas defronta-se com uma ação comunicativa derivada.

O “estou feliz” é consistente mas efêmero, pois o cotidiano é também o ter e o haver.

(SILVA, 1997, p. 2).

As certezas do ser e do estar

Tenho diante de mim a tela do computador na qual vejo o que escrevo e sinto não ter nada a dizer. Contudo, o valor está presente na imagem e na mensagem neste aqui, nesta madrugada de um dia qualquer, neste lugar onde sou e estou sem ser e estar em nenhum lugar.

(SILVA, 1997, p. 3).

Só agora surge a questão que diz respeito à apreensão do real, ou seja, a questão da percepção do espaço e, com ela os problemas relativos à consciência espacial.

E preciso considerar então o problema do experimentar o espaço e o tempo, o que inclui o olhar, o ver, o enxergar e o observar.

(SILVA, 1999, p. 3).

As posições geógrafo brasileiro vão ao encontro, da mesma escala mínima, que comporta e extrapola o lugar, especialmente na cotidianidade, tal como refletido por Íñiguez (1987): “Cotidiano (...) es lo que pasa todos los días”. O “cotidiano es justamente lo que pasa cuando no pasa nada. Nada nuevo, habría que agregar” (ÍÑIGUEZ, 1987, p. 31). Este cotidiano, transpassado pelas camadas do lugar vai ao encontro da geograficidade de Dardel, tal como refletido por Moreira (2004, p. 4):

A geograficidade é a existência em sua expressão espacial. O ponto Ôntico-ontológico de tradução do metabolismo homem-meio no metabolismo homem-espço. [...] A geograficidade é o modo de expressão dessa essência metabólica -a hominização do homem pelo homem através do trabalho -em formas espaciais concretas de existência, algo que difere nos diferentes recortes de território da superfície terrestre. É o ser em sua totalidade geográfica concreta. Cada ente desse espaço é uma particularidade, no sentido triádico da dialética marxista. E a geograficidade é em si a síntese da relação entre a essência e a existência e assim a própria totalidade concreta do ser. Daí que a espacialidade diferencial do existente é o próprio modo como se organiza a geograficidade.

Dois pontos colocador por Moreira nos permitem aproximar ainda mais sua reflexão sobre a geograficidade, aproximando-a da facticidade cotidiana do Dasein heideggeriano. De imediato, há a condição especial do ser-aí como existência para as múltiplas significações do seu próprio

devir como ser-no-mundo, habitando, *geografizando-o*. Novamente resgatemos colocações de Pádua (2005) para que este dois pontos de contatos sejam ainda mais fortalecidos:

Significatividade é o encontro com o fenômeno na interpretação. Este sentido, ou significatividade, das coisas se mostra numa abertura decorrente da própria interpretabilidade da existência. Esta abertura estaria marcada por dois aspectos essenciais: primeiro, o para-quê de cada coisa, seu estar à mão para um determinado fim. Isso significa que o sentido do que nos rodeia é revelado mais imediatamente por sua disponibilidade e por seu caráter utilitário, sendo as ocupações mais simples, imediatas e cotidianas do Dasein as que primeiro “abrem” qualquer possibilidade de sentido. O para-quê das coisas, diz Heidegger, constitui seu “aí” mais originário, não sendo, portanto, um atributo a posteriori ou uma compreensão que a elas se acopla, mas um traço constitutivo, a priori, das mesmas. O que existe como cotidiano, ele afirma, não se mostra como aquilo que propriamente é antes de seu “para-quê” ou “para-quem”; mas seu ser-aí (ou estar-aí) funda-se precisamente neste “para-quê” e “para-quem”. O segundo aspecto desta abertura estaria calcado no fato de que aquilo que está diante de mim traz consigo todo o resto, ou seja, faz com que apareçam “os outros” (die Anderen), os que comigo convivem: aquele que me deu o livro que leio, aquele que construiu a mesa ao redor da qual me reúno diariamente com outros para comer, conversar ou jogar; aqueles com quem me encontro e me ocupo comundaneamente. (PÁDUA, 2005, p. 39).

E, num segundo momento, a autora nos leva novamente ao encontro da facticidade como condição e meio de emanção dos sentidos do Dasein em seu existir no mundo:

[...] enquanto facticidade mesma, o Dasein jamais poderia estabelecer com aquilo que o cerca qualquer relação – espacial, no caso – do tipo continente-contido, ou seja, o Dasein jamais se encontra “dentro” ou “fora” de algum lugar, mas ele mesmo contribui para a configuração de lugares, ele espacializa. No que se dissolve a separação entre sujeito e objeto, a relação interior-exterior é também reconsiderada: o sentido do ser é abarcante, e recusa uma compreensão de “dentro” e “fora” como instâncias separadas. Daí a não separação entre o ser e seu aí, entre o eu e o mundo circundante e a identificação do Dasein como abertura. Essa não é senão o lugar mesmo onde qualquer fronteira entre “dentro” e “fora” se desfaz. Este é um dos motivos pelos quais o conceito de habitar se dilata no pensamento de Heidegger, ganhando dimensões complexas e inesperadas: ele passa a envolver aspectos que fluem, que transitam entre o que aqui se poderia imprecisamente chamar de “espaços interiores” e “espaços exteriores” dessa espacialidade que se estabelece a partir do Dasein. (PÁDUA, 2005, p. 27).

A facticidade, o plano ôntico é a abertura pela qual o mostrar-se do ser no velar-se do ente se torna possível, e o *dasein* como ente diferenciado por possuir o pensamento, experiência e enunciação do Ser torna-se o ponto de encontro do habitar da essência em todos os lugares, intencionados e vividos pela existência:

Se, num sentido ainda a determinar, o espaço constitui o mundo, tal terá como consequência que as coisas que aí se encontram terão igualmente um carácter especial. Assim, encontramos junto a nós o ente-à-mão. Mas esta proximidade não é unicamente de ordem espacial, ela releva igualmente da preocupação do Dasein que se orienta na direção em que o ente utilizável deve ser procurado. Trata-se dum espaço de ordem qualitativa, não geométrica: espaço feito de direções não de dimensões, de lugares não de pontos. Nele determinam-se caminhos, não se medem distâncias. Em suma, a sua topografia releva exclusiva da preocupação. Estas determinações espaciais, tal como acabam de ser descritas, exprimem o aspecto dinâmico da existência. A existência é um deslocamento, um desalojamento. O ser do Dasein ek-siste, ele sai permanentemente de si para se encontrar num mundo que se abre à sua passagem e lhe fornece os instrumentos duma estadia precária. (PASQUA, 1993, p. 59-60).

Este carácter ubíquo dos estares do Ser como ser-em em toda parte será a vereda de confluência de toda a reflexão topoanalítica envolvendo ontologia fenomenológica e pensamento geográfico. Cada recorte da espacialidade como habitação será único, o *dasein* como o ser-em, o estar do Ser em topologia. Em cada uma destas singularizações e particularizações da existência no mundo haverá a significação e a topofilia trabalhada por diferentes geógrafos, o lugar como expressão máxima da *grafia* do Ser como ligação imanente e transcendente do ser-aí com a facticidade:

Homem, Natureza, Totalidade, Espaço: realidades, fenômenos como concreto real projetado como representações que muitas vezes opõem-se à própria manifestação do fenomênico. (Des)Realidades conceituadas. Como abordar esses entes e dimensões relacionalmente e não aritmeticamente (como soma de fatores divididos) e tendo como esteio a ótica geográfica, para que o subjetivo-pensar não se distancie do objeto-pensado? Como garantir que a verdadeira relação descoberta se faça sempre re-contextualizada, não se sacramentando em eternização de uma qualquer fórmula geral idealizada? O método pode auxiliar? Que é ele? O que legitima sua coerência? Como presumir o melhor? A complexidade do real demanda a inevitabilidade de métodos vários? Como poderia a Geografia equipar-se para, em meio à pluralidade de possibilidades, melhor “ler” e “escrever” o espaço? Poderia a Geografia apenas ler, despreocupando-se com o escrever, o geo-grafar? (RIBEIRO, 2006, p. 22).

Como o condutor da intencionalidade da *grafia* a ser *lida* pela Geografia, o *dasein* de Heidegger irá comportar tanto a geograficidade como o lugar na contemplação de uma ontologia do espaço, a topologia do ser. Conforme teorizam Marandola Jr. (2012a) e Holzer (2012) há uma guinada contemporânea de aprofundamento das ideias propostas por Dardel neste sentido. A situação do Ser como lugar, significação do habitar o mundo em sentido único da existência é circunstância irrefutável para a topologia do Ser. Neste mesmo sentido a respeito das inquietações

com a ontologia do espaço na constituição do lugar na perspectiva de Heidegger na composição onto-ontológica do *dasein* Marandola Júnior (2012a) disserta que:

O pensamento heideggeriano contribui diretamente para uma Geografia que busca a dimensão da experiência enraizada numa ontologia que inclua o cuidado e a autenticidade do ser-no-mundo como traços fundamentais. Outra temática central atualmente que a Geografia È chamada a contribuir. A partir de sua contribuição é possível pensar uma ontologia geográfica orientada pela compreensão dos modos geográficas de existência, integrando experiência geográfica, existência e o pensar geográfico da Geografia científica. A expressão desta ontologia é a geograficidade, enquanto essência que se refere à geografia (MARANDOLA JÚNIOR, 2012a, p. 91).

Experiência e existência são incorporadas no protagonismo da espacialidade como centralidade da reflexão fenomenológica sobre o ser-em, a facticidade e, principalmente, a consciência, corpo e pensamento na relação com o mundo, o outro e si próprios, ou seja, a primariedade do lugar no questionamento do e sobre o Ser: "Not only can one limit not exist without the other, but each actively influences the other, helping to shape a genuinely conjoint space, a space of mutual coexistence between container and contained. This co-constituted, coincidental, compresent double limit is what defines place in its primariness." (CASEY, 1997, p. 58). O *dasein* heideggeriano, nestes termos, (re)encontra-se com o arcabouço teórico, metodológico e analítico do pensamento geográfico sobre a existência, como base para toda inquirição sobre a intencionalidade que significa o mundo o mundo e o outro, ao mesmo em que se mostram ao ser-aí e o define-no-mundo como ser-em:

Dasein assumes a proportionately larger role in the constitution of place and region than it had antecedently: "To Dasein's making room for itself belongs the self-directive discovery of something like a region.... Concernful being-in-the-world is directionself-directive." This is to give to Dasein a more ample constitutive role: as "self-directive" (sich ausrichtend), it is responsible not only for the precipitation of place but also for the making of room (and its leeway) and for the discovery of region. Dasein is also, as we have just seen, responsible for determining its own location and for the taking in of space (and thus as well for breaking into space). All of this reflects Heidegger's increasing absorption in questions of Dasein's authenticity-and thus its temporality (Zeitlichkeit), which, despite its ecstatic, outgoing movements, concerns the self (in contrast with Zeit and Temporalitiit, both of which bear on what exceeds the confines of Dasein's being-in-the-world). But it also reflects Heidegger's appreciation of the way the human self can make a decisive difference in the experience and fate of spatiality as such, thereby illustrating that "Dasein itself is spatial." (CASEY, 1997, p. 258).

Cada lugar será único, porque o *dasein* é único, irrepetível, seja como consciência, corpo ou pensamento. O lugar será composto por experiências de vida, memórias, práticas e saberes, cotidianidades singulares: Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode “evocar” ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças.” (CERTEAU, 1994, p. 175). Quando Certeau (1994) relaciona, diretamente, o lugar ao cotidiano, realiza também uma aproximação considerável tanto com a facticidade como a abertura fenomenológica, como relação diferencial ôptica do ser-aí com o mundo, na conformação dos lugares:

The philosophical advantage of the Open; indeed its virtual ineluctability within Heidegger's developing thought, is evident. It shifts the responsibility for room-clearing away from Dasein's individuated directionality and deseverance, that is, its own personal way of making room and giving clearance. The opening of the Open is the disclosure of an impersonal truth—thus of an equally impersonal Being. Dasein can enter the Open, witness it, and even contribute to it (e.g., in art and politics). But human being cannot create the Open, which at once precedes and outlasts any individual Dasein or any collectivity of Daseins. "Being-in" and ..residing'.....:early themes in Being and Time—already point toward this nonhumanocentric horizon, but they are soon buried under the description of Dasein's literally instrumental role in particular places and regions. As soon as this early protopragsmatism is set aside and confined to mere handicraft in the case of art, the way is cleared for the Open to be thought not just as the scene for the disclosedness of truth (this, too, is implicit in Being and Time) but as the scene for a new conception of place and region, now liberated from their strictly ready-to-hand status. (CASEY, 1997, p. 280).

Como citado por Casey (1997) o *dasein* é a abertura ao Ser, quase como um catalisador do des-velar da essência nos entes. Por isso a espacialidade como facticidade é tão importante na construção de uma proposta topológica no cerne da ontologia fenomenológica: “O espaço geográfico é como o prolongamento de uma série de devaneios da matéria, porque a materialidade terrestre não está fechada nela mesma, na indiferença simples de uma pura facticidade” (BESSE, 2006, p. 89). e Besse ainda complementa que esta facticidade: “[...] é fundamentalmente *fisionomia*, porque ela manifesta direções de sentidos numa consistência própria, em suma, porque ela excede sua pura facticidade e se apresenta irredutivelmente carregada de qualidades.” (BESSE, 2006, p. 89).

Em concordância ao escritos de Casey (1997), Besse (2006) reforça a questão de como é possível (re)encontrar na superfície da Terra uma via de aplicação metodológica da ontologia fenomenológica: “É possível então abrir para uma geografia a perspectiva de uma “analítica” ou de uma hermenêutica dos elementos da superfície da Terra (a água, o ar, a terra, mas também os

espaços construídos, segundo Dardel) considerando-os na repercussão de suas significações para o pensamento e a sensibilidade humana).” (BESSE, 2006, p. 88). Tanto Casey (1997) como Besse (2006), quando partindo de sua base fenomenológica sobre lugar e paisagem respectivamente, tratam da topologia do ser, a ontologia da espacialidade. O que fora iniciado anteriormente por Dardel (2011) e desenvolvido por autores como Relph (1970; 1976), Tuan (1976; 1980) e Buttner (2013) agora vai diretamente no cerne da relação entre ontologia fenomenológica e o pensamento geográfico como trabalhado por Pickles (1985) defendendo no texto *Fenomenologia, ciência e geografia* de 1985, que o vivido, o espaço relativo e a relação entre experiência, existência e significação do mundo pelo ser-aí são intersecções inerentes à imersão da Geografia na perspectiva fenomenológica de estudos para a consciência, o mundo, percepção, imaginação, dentre outras dimensões e temáticas que são focos do questionamento da fenomenologia.

A relatividade do espaço vivido comentada por Casey une-se ao cotidiano como via de chegada ao (in) finito da diferença ontológica pelo *dasein*, o ser situado, em seu estares pela existência na espacialidade, tal como refletido por Goto (2013), no que refere à uma Geografia voltada à existência e seu papel ôntico-ontológico: “Essa geografia deve focar sua reflexão inicialmente a partir da vida cotidiana; vida essa em que não prestamos atenção, mas que é a vida que flui como consciência constituidora do mundo e do ambiente habitual.” (GOTO, 2013, p. 43-44). As colocações de Goto vão ao encontro do que outrora fora trabalhado por autores como Oliveira (1977; 1998; 1999; 2012; 2013), Silva (1975; 1978; 1993; 2000) e o próprio Casey (1997) quando há um ponto de alcance da ontologia fenomenológica pela Geografia em um patamar epistemológico que abarque tal complexidade e desafios.

Alves (2020), Gmeiner (1998) e Kahlmeyer-Mertens (2008) as possibilidades, alguns óbices e experiências exitosas de aplicabilidade das teorizações fenomenológicas da fenomenologia. No que diz respeito ao lugar, o ser-aí de Heidegger possui o maior potencial de correlação e diálogo para diferentes estudos e operacionalizações metodológicas da fenomenologia em esferas que vão dos estudos culturais à educação, do resgate e aplicação dos postulados da fenomenologia pela literatura à maneira como a linguagem e o Ser, bem como toda a questão da diferença ontológica estão ligados ao que Dardel inquiriu em seu texto dos anos 1950 sobre ir ao encontro dos sentidos do lugar da Terra, (re)descobrir os em (des)velamento de suas geografidades em suas relações com o meio (CLAVAL, 2001). E todo este percurso da relação mútua de partilhas epistemológicas e metodológica entre fenomenologia e Geografia também gera preocupações, como o relativismo de aplicação de tal método à toda expressão cultural ou de significação eventualmente já estudados, por exemplo, pela própria vertente cultura da ciência geográfica:

[...] existem pontos fracos na geografia concebida dessa maneira: ela explora a experiência vivida das pessoas, seus sonhos, aspirações e desejos; descreve a diversidade de comportamentos e atitudes com relação ao meio ambiente, à natureza e à vida social, econômica e política. Mostra as numerosas tensões que resultam da diversidade dos projetos que formam os homens, cada grupo lutando para garantir recursos que muitas vezes são raros. Todos esses aspectos são fascinantes, mas, em decorrência do paradigma sobre o qual repousa a abordagem cultural, parece impossível construir um sistema coerente de interpretação a partir de descrições “densas” e de estudos de casos fascinantes que surgiram há trinta anos. (CLAVAL, 2001, p. 68).

Os pontos fracos dos estudos fenomenológicos da Geografia mencionados por Claval (2001) são um dos lados da virada topológica em estudos realizados por Ferreira (2002), Leite (1998) e Silva (2003). Tanto uma perspectiva como outra deve ter como prerrogativa a ida aos estudos e propostas da fenomenologia como método e a ontologia fenomenológica enquanto abertura a novas possibilidades de análise do ser-no-mundo, como ressalta Besse (2006): “A geografia contemporânea teve que reconhecer que as frequentações comuns do espaço põem em ação significações originais irredutíveis à ordem das construções teóricas.” (BESSE, 2006, p. 87).

A importância da relação entre Geografia e topologia do ser se dá também nesse sentido: “O ponto de vista fenomenológico encontrou então um eco epistemológico no próprio domínio da geografia, que contribuiu para renovar, alargar e de fato dar mais complexidade às análises geográficas do espaço. (BESSE, 2006, p. 87). A Geografia fenomenológica avança no que foi posto inicialmente pelos estudos culturais, ou seja, há o ôntico na facticidade de partida já existente, mas é possível ir além epistemológica e topo-analiticamente:

O valor atribuído ao meio ambiente está acoplado ao interesse e à necessidade. Pois, a humanidade para viver e sobreviver precisa sentir algum valor em seu mundo. A formação e natureza dos valores são engendrados na cultura, no meio ambiente revestido pela afetividade topofílica. Estilos de vida e classes sociais determinam em parte a preferência e escolha de ambientes valorizados pela educação, pelo nível de vida, pelo poder aquisitivo, quer individual ou coletivamente. Os valores do meio ambiente podem ser geográficos: viver no campo ou na cidade. Os valores do campo residem numa imagem ideal de vida, ligados à natureza e à saúde física e mental. Ao passo que os valores da cidade estão mais voltados à vida cultural e artística e nas possibilidades socioeconômicas. Entre estes dois valores se interpõem a cidade pequena, na qual a vida corre mais lenta, mais tranquila para melhor criar os filhos e dispor de jardins floridos, gramados, animais de estimação. (OLIVEIRA, 2013, p. 92).

Geoliteratura a expressão dos sentidos da existência na espacialidade fará parte de um esforço epistemológico interdisciplinar na descrição e apreensão das nuances da natureza a

realidade humanas. A ontologia fenomenológica por meio da espacialidade do ser vai ao encontro de tal empreendimento, de maneira a colocar os estudos geográficos e literários em alinhamento metodológico para uma incursão onto-ontológica pelos lugares do mundo como estares do ser na diversidade singular e coletiva da humanidade no mundo:

A dimensão tempo está implícita em todos os lugares quer nas ideias de liberdade, movimento, quer no esforço em procura da acessibilidade. Assim, também a dimensão temporal está na experiência do espaço, confundindo-se facilmente às essências espacial e temporal. Na construção do nosso espaciotemporal vivenciamos meios ambientes naturais e construídos, e sabemos que os grupos culturais se distinguem na maneira de perceber e de organizar seus espaços e seus lugares. Isto é constatado através dos tempos e dos espaços, nos agrupamentos ou nas divergências, na localização em montanhas, ou nos vales, junto aos litorais ou em ilhas. O resultante do mosaico geográfico e histórica da vida humana sobre a superfície terrestre está aí, para ser estudado, explicado ou aceitado, e principalmente compreendido. A literatura contribui para o conhecimento e a apreciação de lugares e para a representação de espaço míticos, simbólicos ou afetivos, que passariam despercebidos, se não forem chamados a nossa atenção, tornando-os visíveis esteticamente. (OLIVEIRA, 2013, p. 93).

Ao final destas reflexões sobre o lugar podemos seguir, neste momento, para a paisagem. Nos (des)encontros entre as categorias e conceitos geográficos com a topologia do ser será possível relacionar a ontologia fenomenológica também à paisagem, especialmente como recorte da facticidade como possibilidade do des-velamento do Ser a partir do plano ôntico e sua ponte, como *grafia* da existência e topologia do ser ao plano ontológico.

Considerações Finais

Não se pretendeu neste manuscrito o encerramento de todas as nuances envolvendo a reflexão, fundamentos e dialogias entre a topologia do ser e o papel da espacialidade para a existência. Dos autores apresentados espera-se que se abram novas possibilidades epistemológicas, metodológicas e topo-analíticas envolvendo os sentidos do ser-no-mundo, como a abertura às significações do existir no seu habitar, pensar e sentir este mundo.

O pensamento geográfico debruça-se sobre a ontologia fenomenológica ao menos desde a obra seminal de Eric Dardel, ainda na década de 50 do século passado. Ao longo destes anos revisitações, releituras, aplicações e inserções, cada vez mais profundas e profícuas, da fenomenologia foram realizadas em relação aos conceitos, categorias, ideias e temas da ciência geográfica. Por tratar da relação entre ser humano e a natureza, seja de forma individual ou

coletiva, a Geografia possibilita o enriquecimento dos pilares ôntico-ontológicas da fenomenologia, especialmente a heideggeriana em relação à facticidade e o Dasein, como epítome da existência em seu devir, estares e aconteceres no mundo que habita.

Por fim, o lugar, como conceito-chave do pensamento geográfico posiciona-se em papel privilegiado de recepção e expansão da topologia do ser. Como apresentado ao longo deste artigo, parte-se de algumas bases fundamentais da *grafia* e o *logos* no *topoi*. Em cada singularização do mundo, um lugar, como emanção dos sentidos do ser-no-mundo torna-se possível e passível de observação, descrição, contemplação, análise e compreensão da existência por meio da espacialidade e sua facticidade. Finalize-se o artigo com uma não conclusão, se fazendo um convite de continuidade no longo caminho de aproximação e diálogo entre Geografia, ontologia fenomenológica e suas aproximações com a linguagem, arte, cultura e quantos forem possíveis as paragens a serem percorridas.

Referências

ALVES, Ida. A Literatura é uma Geografia?. *Revista Geografia, Literatura e Arte*, São Paulo, v.1, n. 2, p. 20-34, 2018.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira. Cotidiano e facticidade: contribuições para uma geografia da escala mínima. *Revista Geografia, Literatura e Arte*, v. 2, p. 173-200, 2020. Disponível em: <> Acesso em 18 de jan. de 2022.

ARAÚJO, Gilvan Charles Cerqueira. Facticidade onto-ontológica e arte literária: estares do ser pela linguagem e a palavra. *Building the Way*, v. 11, p. 105-125, 2021. <> Acesso em 18 de jan. de 2022.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra: seis ensaios sobre paisagem e geografia*. Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BUTTNER, Anne. Social space in interdisciplinary perspective. *Geographical Review*, 59 (4), 1969, pp.417-426.

BUTTNER, Anne. Values in geography. Washington: *Association of American Geographers (Commission on College Geography) Research Report*, n.24, 1974.

BUTTNER, Anne. "Aprendendo o dinamismo do mundo vivido". In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da geografia*. São Paulo: Difel, 1985a, p. 165-193.

BUTTNER, Anne. "Hogar, campo de movimiento y sentido del lugar". In: GARCÍA RAMON, M^a. D. *Teoría y método en la geografía humana anglosajona*. Barcelona: Ariel, 1985b, p. 227-241.

CASEY, Edward. *The fate of place: a philosophical history*. University of California Press Berkeley | Los Angeles | London, 1997.

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. *Geograficidade*, v.5, n.1, p. 40-51, 2014.
- CLAVAL, P. – O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana. In *Matrizes da Geografia Cultural*. ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA. Roberto Lobato. (Org.). Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.
- COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Trad. Ida Alves. Editora: Oficina Raquel, 2013.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.
- FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72.
- GMEINER, Conceição Neves. *A Morada do Ser: uma abordagem filosófica da linguagem na leitura de Martin Heidegger*. Santos/SP: Leopoldianum, 1998.
- GOMES, Paulo César da Costa. Geografia fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César (orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 13-42.
- GOMES-HERÁS, José María G. *El apriori del mundo de la vida: fundamentación fenomenológica de una ética de la ciencia y de la técnica*. Barcelona: Anthropos Editorial, 1989. 382p.
- GOTO, T. A.. Fenomenologia, Mundo-da-Vida e Crise das Ciências: a necessidade de uma Geografia Fenomenológica. *Geograficidade*, v. 3, p. 33-48, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 3ª Ed. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- HOLZER, Werther. Mundo e lugar: ensaio de Geografia. In: MARANDOLA JR., Eduardo.; HOLZER, Werther.; OLIVEIRA, Livia. *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 281-304.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Trad. Márcio Suzuki. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.
- ÍÑIGUEZ, Humberto Giannini. *La reflexión cotidiana: hacia una arqueología de la experiencia*. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1987.
- KAHLMAYER-MERTENS, Roberto Saraiva. *Heidegger & a Educação*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LA BLACHE, Paul Vidal de. *Tableau de la Géographie de la France*. Paris: Hachette, 1903, 395 p. disponível em: < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ga000918.pdf> > Acesso em 15 de abr. de 2021.

LA BLACHE, Paul Vidal de. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos (1954 [1921]).

LA BLACHE, Paul Vidal de. Le principe de la géographie générale. *Annales de Géographie*, v. 5, n. 20 p. 122-142, 1896.

LA BLACHE, Paul Vidal de. *La rénovation de la vie régionale: foi et vie*. Cheir, 1917.

LEITE, Adriana. Lugar: duas acepções geográficas. In: *Anuário do Instituto de Geociências*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998, v. 21

MALPAS, Jeff. *Heidegger's topology: being, place, world*. Cambridge;Massachussts;London: MIT Press, 2008.

MALPAS, Jeff. *Heidegger and the Thinking of Place Explorations in the Topology of Being*. Cambridge;Massachussts;London: MIT Press, 2012.

MALPAS, Jeff. *Place and Experience A Philosophical Topography*. New York, NY: Routledge, 2018.

MARANDOLA JR., Eduardo. Introdução. DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. (Trad.Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011. p. XI-XIV.

MARANDOLA JR. Eduardo. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos geográficos de existência. *Geografia*, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012a.

MARANDOLA JR, Eduardo. Sobre Ontologias. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012b.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar e Lugaridade. *Mercator*, Fortaleza, v. 19, abril. p. 1-12, 2020.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. O mapa e a trama - ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. Geografia, Interdisciplinaridade e metodologia. *GEOUSP Espaço e Tempo* (Online), v. 18, n. 1, p. 09-39, 2014.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e Geografia: a geograficidade e o diálogo das ontologias. *Revista GEOgraphia*. Niterói: PPGEO/UFF, ano VI, n. 11, 2004.

OLIVEIRA, Livia. Contribuição dos Estudos Cognitivos à Percepção Geográfica, *Geografia*, v.3, n.2, 1977, p. 61-72.

OLIVEIRA, Livia. *Estudo Metodológico e Cognitivo do Mapa*. São Paulo: USP/IG, 1979.

OLIVEIRA, Livia. Como Educar sobre os Direitos da Paisagem, *Anais do III Encontro Interdisciplinar sobre o Estudo da Paisagem*, Rio Claro: UNESP, 1998.

OLIVEIRA, Livia. Sobre a Prática de Ensino da Geografia. *Anais do 5º. Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia*, Belo Horizonte, PUC Minas, 1999. p. 13- 15.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012

OLIVEIRA, Livia. de. Sentidos de lugar e de topofilia. *Geograficidade*, v 3, n. 2, p. 91-93, 2013.

PÁDUA, Ligia Teresa Saramago. A “*Topologia do ser*”: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Janeiro: PUC-Rio, 2005.

PICKLES, John. *Phenomenology, Science and Geography: spatiality and the human sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976. 156 p.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essências de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo et al. *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROCHA, Gabriel Kafure da. Uma topo-ontologia de Heidegger e Bachelard. *Ideas y Valores*, v. 69, p. 33-56, 2020.

SERPA, Angelo. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. *GEOUSP Espaço e Tempo*. v. 17, n. 1, p. 168-185, 2013

SILVA, Armando Corrêa da. Fenomenologia e cotidiano. In: *Geografia e mudança cultural*. São Paulo. (Apostila destinada ao curso de Pós-Graduação em Geografia da FFLCH-USP), 1997.

SILVA, Armando Corrêa. da. *Ideologia do cotidiano*. Presidente Prudente, 19/10/1999, 3 p.

SILVA, Armando Corrêa da. A aparência, o ser e a forma (Geografia e Método). *GEOgraphia*, ano II, n.3, Niterói, UFF, p.7-25, 2000. <> Acesso em 18 de jan. de 2022.

TUAN, Yu-Fu. “Humanistic geography”. *Annals of the American Geographers*. v.66, n. 2, 1976.

TUAN, Yu-Fu. *Topofilia*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yu-Fu. *Espaço e lugar*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.